

O PORTUNHOL COMO MATÉRIA DE CONSTRUÇÃO DE SABER MIGRATÓRIO EM DOIS POEMAS DE CRISTINA GUTIÉRREZ*

PORTUÑOL AS A MATERIAL FOR THE CONSTRUCTION OF MIGRATIONAL KNOWLEDGE IN TWO POEMS BY CRISTINA GUTIÉRREZ

María de Los Ángeles Lugo Colina

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLit) da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)
ORCID <https://orcid.org/0000-0003-4702-2453>
E-mail: marialugo1989@gmail.com

Walace Rodrigues

Doutor em Humanidades e mestre em Estudos Latino-Americanos pela Universiteit Leiden (Países Baixos)
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9082-5203>
E-mail: walace@uft.edu.br

Dernival Venâncio Ramos Junior

Doutor em História pela Universidade de Brasília (2009)
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5092-1199>
E-mail: dernivaljunior@gmail.com

Resumo: Neste artigo, objetiva-se estudar o uso do portunhol como uma forma de expressão e criação poética, que deixa entrever os rastros de uma identidade fronteiriça, a qual se faz cada vez mais visível através das diversas manifestações artísticas. Um exemplo disso é a poesia de Cristina Gutiérrez, poeta venezuelana que, em sua recente produção *Braziu*, tem se atrevido a falar sobre a experiência de habitar não apenas este país, mas também esta língua, da qual procura-se apropriar, não sem fazer um uso subversivo, deslocando e procurando novos significados em palavras cotidianas, porém representativas no dia a dia do sujeito migrante. Este texto apresenta uma análise qualitativa a partir de uma revisão bibliográfica, com base em autores como Ette (2016, 2018), Candido (2008), Zilberman (2012), Bittencourt (1996), Rodrigues (2022) e Perlonguer (1992, 2000), com o intuito de traçar linhas que conduzam à compreensão de uma escrita estrangeira, capaz de tornar audíveis as dinâmicas da atualidade, às quais o leitor pode aceder por meio da literatura. Dessa forma, este trabalho oferece um olhar aproximado a um fenômeno linguístico como o portunhol, que assume dimensões criativas na escrita desta poeta venezuelana.

Palavras-chave: Portunhol. Poesia. Estrangeira.

Abstract: This paper aims to study the use of portunhol as a form of poetic expression and creation, which unveils the traces of a border identity increasingly visible across diverse artistic manifestations. An example of this is the poetry of Cristina Gutiérrez, a Venezuelan poet who, in her recent work *Braziu*, has dared to speak about the experience of inhabiting not only this country but also this language—one she seeks to appropriate through subversive means, displacing and redefining meanings in everyday words that remain emblematic of the migrant's daily life. This study presents a qualitative analysis grounded in a bibliographic review of authors such as Ette (2016, 2018), Candido (2008), Zilberman (2012), Bittencourt (1996), Rodrigues (2022), and Perlonguer (1992, 2000). Its objective is to trace pathways toward understanding a foreignized writing that renders contemporary dynamics audible, accessible to the reader through literature. Thus, this work offers a close examination of portunhol as a linguistic phenomenon that assumes creative dimensions in the writing of this Venezuelan poet.

Keywords: Portunhol. Poetry. Foreign things.

Introdução

Quando se fala em portunhol, pensa-se na mistura, na carência, na impureza de um dialeto falado por aprendizes de uma língua, que se deslocam entre as fronteiras do Brasil e os países do sul da América Latina. De cada lado da fronteira existe quase a mesma quantidade de falantes que, dia a dia, fazem uso de uma língua mestiça e polifônica, capaz de assumir dimensões criativas, como têm mostrado as poéticas do Portunhol Selvagem, Portunhol Borracho e tantos outros portunhoís.

Este texto surge a partir das reflexões desenvolvidas no Seminário de Literatura e Criação, ministrado no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguística e Literatura (PPGLLit) da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), no qual foram oferecidos subsídios teóricos para a análise de poemas. Após a leitura e discussão dos textos propostos, surgiu a ideia de analisar a obra de Cristina Gutiérrez, poeta que, em sua obra mais recente, atreve-se a falar sobre o “Braziu”, fazendo-o em portunhol, essa espécie de língua oficial na qual agora fala e escreve poesia.

Este trabalho não pretende realizar uma revisão exaustiva das manifestações poéticas do portunhol, mas sim destacar o uso poético que uma autora venezuelana faz dele como forma de expressar não apenas a experiência migratória, mas também a experiência de habitar uma língua, de se apropriar (ou não) dela, assumindo o desafio de significar e ressignificar palavras que, com o deslocamento físico, passam também a assumir novos sentidos no plano da linguagem.

Em entrevista concedida, a autora afirmou: “Quienes estamos en Brasil y hablamos español siempre estamos mezclando las lenguas” (Gutiérrez, 2023). Trata-se de uma afirmação que, acreditamos, evidencia a mútua inteligibilidade entre o espanhol e o português, revelando a riqueza dessa “mescla” linguística que gera o portunhol.

A poeta Cristina Gutiérrez Leal nasceu em Coro, Venezuela. Possui formação como professora de língua e literatura pela UNEFM (Venezuela), mestrado em Literatura Ibero-americana pela ULA (Venezuela) e doutorado em Literatura Comparada pela UFRJ (Brasil). Seus interesses acadêmicos abrangem literatura, fotografia, conceitos de identidade, poesia em portunhol, entre outros temas. Evidentemente, sua produção transita com desenvoltura pelas fronteiras entre artes e áreas diversas, oferecendo-nos uma mostra dos chamados “entre-lugares”.

Informamos ao leitor que os poemas analisados não apresentarão tradução, permitindo assim uma aproximação direta com os textos, sem mediações interpretativas. Tratam-se de poemas escritos para um público que compreende tanto o espanhol quanto o português, ou que tenha vivenciado a experiência migratória - inclusive através da literatura, que, mais do que permitir o acesso a outros mundos possíveis, é capaz de oferecer ao leitor aquilo que Ottmar Ette denomina SaberSobreViver.

Está atrelado a experiências de vida específicas, mas nunca de uma única lógica; pelo contrário, esse conceito contém exatamente à capacidade (útil à sobrevivência) de poder pensar e proceder segundo diversas lógicas ao mesmo tempo. (Ette, 2015, p 14)

Assim, o portunhol utilizado por Cristina Gutiérrez nos dois poemas analisados aborda uma experiência que, embora individual, assume dimensões coletivas, pois revela o percurso de um eu poético que pensa, fala e escreve nessa variedade linguística. Trata-se de uma língua – e, por extensão, de uma forma de expressão e compreensão do mundo – capaz de assumir dimensões criativas, conforme já destacou Douglas Diegues:

Qualquer um puede inventar suo portunholito selvagem onde quer que esteja. Obviamente cada lugar tem suas misérias y esplendores, suos infernos y paradaizes artificiales, suas kumbias flor de piedra y suas aburridas kachakas dolor de kuerno. Puede que lugares tengan influênzia em palabras. Pero la poesia non se faz com estar ou non em um determinado lugar, non-lugar, entre-lugar, post-lugar... La poesia se faz com palabras. Y com palabras se puede fazer poesia em qualquer parte. (Diegues, 2009, s/p).

Assim, neste trabalho, propõe-se analisar o uso poético do portunhol na obra de Cristina Gutiérrez, tomando como corpus dois de seus poemas. Para tanto, recorrer-se-á tanto a estudos que abordam especificamente as construções poéticas nessa variedade linguística quanto a textos referenciais da teoria literária que possam fundamentar e aprofundar a análise dos poemas selecionados.

Partindo da questão “que se diz, o que se faz, o que se sabe hoje através da poesia?”, formulada por Ottmar Ette e outros autores em *Poéticas do presente: perspectivas críticas sobre poesia hispânica contemporânea* (2016), busca-se compreender o que esses poemas escritos em portunhol revelam sobre o contemporâneo. Publicados recentemente, tais obras operam num “entre-línguas”, possibilitando analisar como dialogam com o contexto linguístico dos países em que foram produzidos (Ette, 2016, p. 15).

Essa análise, contudo, só se viabiliza mediante leitura atenta e reiterada dos poemas - incluindo sua recitação em voz alta - até que seja possível formular respostas às questões que neles se colocam. Trata-se de método de análise já recomendado por Antônio Candido em *Cadernos de análise literária* (2008), que sugere:

Ler infatigavelmente o texto analisado é a regra de ouro do analista, como sempre preconizou a velha *explication de texte* dos franceses. A multiplicação das leituras suscita intuições, que são o combustível neste ofício (Candido, 2008, p. 7)

Tais orientações fundamentaram a análise aprofundada dos poemas em estudo, processo que foi igualmente enriquecido pela implementação das três etapas metodológicas da perspectiva estruturalista de Iuri Lotman - conforme exposto por Regina Zilberman em *Teoria da Literatura I* (2012):

[...] descrição do texto literário, considerando os eixos paradigmático e sintagmático, isto é, as repetições e as combinações; - interpretação do significado dos procedimentos empregados; - identificação dos elementos transgressivos, visando a estabelecer a identidade – ou singularidade – de uma obra, reveladora de seu valor estético. (Zilberman, 2012, p. 86)

Proceder-se-á, portanto, à análise dos poemas selecionados, considerando tais recomendações metodológicas. Previamente, contudo, realizar-se-á uma revisão crítica do conceito de portunhol, visando ampliar a compreensão desse fenômeno em suas dimensões linguísticas e literárias.

Portunhol – Portuñol

“Como conocer onde empieza el portugués y termina el castellano, si lo unico que sei és que el portuñol és infinito.”
Joca Reiners Terrón.

Neste trabalho, compreende-se o portunhol (ou portuñol) como uma língua de trânsito pela qual o falante - seja de português ou espanhol - transita. Contudo, não se trata meramente de uma fase incipiente na aprendizagem de uma nova língua, mas sim de uma forma de resistência e expressão identitária.

Como já mencionado, existem múltiplas variantes de portunhol, tantas quantos os pontos de contato entre o português e os países limítrofes. A relação que esses sujeitos fronteiriços estabelecem com a(s) língua(s) é marginal e transgressora, no sentido de que esses falantes não buscam ocultar os traços das culturas que os constituem, mas sim explicitá-los através do portunhol, manifestando assim uma identidade que, embora enraizada numa língua materna, passa a habitar outra.

Importa reconhecer, contudo, que o portunhol constitui igualmente “uma forma de expressão de pessoas letradas em mais de uma língua, cujo resultado é projetável” (Alves-Bezerra,

2016, p. 121). No caso dos migrantes, é natural que suas expressões linguísticas carreguem as marcas dessa transição entre a língua materna - aquela das primeiras palavras - e uma segunda língua, que é progressivamente adotada. Nesse processo, manifesta-se, muitas vezes de forma intencional, esse diálogo tenso entre rejeição e apropriação.

Néstor Perlongher, pioneiro no uso poético do portunhol, destacava que essa prática gera e multiplica a equívocidade. Esse efeito é particularmente evidente no portunhol empregado por Cristina Gutiérrez, que realiza “uma utilização específica do portunhol para conceder-lhe uma dupla significação, uma tensão ambígua a um enunciado que de outra forma não a teria” (Perlongher, 2000, p. 254). Desse modo, a autora proporciona ao leitor uma experiência dual de familiaridade e estranhamento, utilizando conscientemente o equívoco como recurso estético.

Há entre as duas línguas um vacilo, uma tensão, uma oscilação permanente: uma é o “erro” da outra, seu devir possível, incerto e improvável... Não há lei: há uma gramática, mas é uma gramática sem lei; há uma certa ortografia, mas é uma ortografia errática. (Perlongher; 1992, p. 8-9).

Desse modo, observa-se que os poetas que escrevem em portunhol elaboram, por meio de suas criações, “escrituras impróprias” (Montoya, 2020, p. 150), nas quais subvertem o uso convencional tanto do espanhol quanto do português. Tal prática não deve ser interpretada como afronta às línguas envolvidas, mas sim considerada em todas as suas potencialidades criativas, pois permite reconhecer no portunhol a expressão de sujeitos fronteiriços que produzem entre duas línguas, resultando na criação de novas e diversas manifestações culturais e artísticas.

Como destaca Rita Bittencourt em *Guerra em deriva: poéticas de fronteira* (2016):

[...] nos termos oscilantes e provisórios dos vocábulos e expressões mescladas do portunhol, opera uma certa poética, dotada de uma amplitude transnacional e translinguística, que assegura a sobrevivência das línguas e da memória, surgindo assim um “dispositivo bélico-poético de subversão.” (Bittencourt, 2016, p. 96)

A partir dessa perspectiva, compreende-se que o portunhol não se restringe a uma interlíngua que medeia o aprendizado entre espanhol e português, mas configura-se como uma translíngua que possibilita aos falantes transitar criativamente entre ambos os idiomas. Esse entendimento prepara o leitor para apreender as dinâmicas de um mundo cada vez mais globalizado, marcado por deslocamentos e diásporas crescentes - contexto que demanda a desconstrução de perspectivas coloniais e conservadoras. Como observa Wallace Rodrigues (2022, p. 331), tal desconstrução “pode ser executada de diversas formas, e uma destas maneiras é através do estudo detalhado dos textos literários e dos pensamentos críticos elaborados a partir das suas narrativas”.

Neste trabalho, analisa-se a produção poética da autora venezuelana Cristina Gutiérrez, considerando aspectos de sua trajetória formativa que a prepararam para o desafio da escrita em portunhol - exercício intelectual e criativo no qual se destaca como pioneira. Trata-se de obra produzida no contexto Venezuela-Brasil, fronteira em que o discurso político e midiático sobre a crise migratória tem dificultado estudos aprofundados da literatura ali gerada.

O portunhol de Cristina Gutiérrez

Cristina Gutiérrez Leal, nascida em Coro (Venezuela) em 1988, é graduada em Língua e Literatura pela UNEFM, mestre em Literatura Ibero-americana pela ULA Venezuela (2015) e doutora em Literatura Comparada pela UFRJ. Atuou como docente na ULA e UNEFM até 2016, quando migrou para o Brasil. Atualmente, é professora na UEPB, no curso de Letras/Espanhol.

Em sua trajetória, destacam-se: (1) a experiência como professora de espanhol e suas literaturas; (2) o ensino de português como língua de acolhimento em curso organizado pela ACNUR; e (3) a premiação no concurso Desmades de escrituras em Portuñol (2023). Tais vivências permitiram-lhe conhecer as dificuldades de aprendizes de ambas as línguas, além de desenvolver usos criativos do portunhol.

Autora premiada (Prêmio Rafael Cadenas de Poesia Jovem, 2017) e com publicações como *Estatua de Sal* (2016) - obra que já explorava temáticas do deslocamento através do que denominou «Evangeliqués» -, Gutiérrez destaca-se também por pesquisas intermediárias entre literatura e fotografia. Após oito anos no Brasil, optou pela escrita em português, conforme declarou: «Se algum dia escrever em português, é mais provável que seja em «portuñol» e não em português. Porque é muito difícil para mim não trazer algumas coisas do espanhol» (Gutiérrez, 2023). Essa “contaminação” linguística constitui o espaço criativo onde melhor se expressa.

Como a própria autora indica, os poemas de *Braziu* dirigem-se a leitores familiarizados com a experiência migratória ou capazes de reconhecer, na voz poética, os *SaberesSobreViver* analisados a seguir.

Y sí,
nuestros hijos nacerán en otros países
habrá que enseñarles el español de la casa
tendrán que creerse la ficción del nido lejos
oirán historias sobre sus tíos, primos
tan queridos *engraçados*.
En casa de la abuela hablarán con *sotaque*.¹

Este poema sem título começa abruptamente com um “y sí”, aparentando ser o resultado de uma longa reflexão – conclusão alcançada não sem resignação, para aceitar a própria realidade e inclusive o destino das futuras gerações, condenadas a falar com /sotaque/ onde quer que vão. Destaca-se também a palavra “engraçados” ao referir-se aos “otros” familiares.

Ao mencionar “sotaque” e “engraçado” como as duas únicas palavras em português no poema, sugere-se que estas teriam sido repetidas tantas vezes aos ouvidos dos migrantes que se fixaram na memória. São palavras que se adaptam, aceitas como constitutivas desse novo eu que agora se tornou, carregadas inclusive no retorno “a casa”, pois ao voltar nunca se é o mesmo. Assim, a fala – uso particular que cada pessoa faz da língua – revelará as marcas dessa estrangeirice que se acrescenta ao nome no documento de identidade e passa a constituir o eu atual: habitante nem daqui nem de lá, mas de um espaço móvel onde se falam duas línguas, empregam-se dois códigos que, em momentos específicos, fundem-se, entrelaçam-se ou alternam-se, manifestando-se nas expressões e emergindo na poesia como expressão identitária de uma poeta migrante.

As palavras em português aqui empregadas têm uso transgressivo, causando estranhamento ao leitor enquanto simultaneamente provocam familiaridade – como se assumissem nova conotação nessa língua, convidando à reflexão sobre significados. Quando se escreve “habrá que enseñarles el español de la casa”, aborda-se o desafio de manter raízes linguísticas num mundo globalizado e a necessidade de desenvolver identidade rizomática. Em “la casa de la abuela”, “a casa” vincula-se às “formas do continente da sabedoria, isto é, da própria tradição” (Ciriot, 1985, p. 120, tradução nossa), cujos mitos devem ser conhecidos e críveis para evitar pertencimento apenas periférico e não confirmar a estrangeirice atribuída ao sujeito em deslocamento.

A atmosfera poética debate-se num “não ser daqui nem de lá”, mas o eu lírico não se resigna facilmente à não-pertença. Antes, apega-se à língua materna não como âncora, mas como boia que permite flutuar entre as marés de dois pertencimentos.

Braziu

Al fin me atrevo a decir Brasil en un poema
este pedazo inmenso de mundo
que ladra y muerde
que si uno se descuida te mete la mano
en el pecho y acaricia cualquier cosa que encuentre ahí
o lo escupe.
Al fin puedo decir Braziu
y mirá cómo me atasco.²

1 E sim, / nossos filhos nascerão em outros países / teremos que lhes ensinar o espanhol de casa / eles terão que acreditar na ficção do ninho longe / ouvirão histórias sobre seus tios, primos / tão queridos tão engraçados. / Na casa da avó falarão com sotaque. (Tradução própria)

2 Enfim ousou dizer Brasil num poema / este pedaço inmenso de mundo / que ladra e morde / que se a gente
Revista Humanidades e Inovação - ISSN 2358-8322 - Palmas - TO - v.12 n.1 - 2025

Neste poema, o eu lírico irrompe como quem, após longa reflexão, alcança uma epifania ou compreensão que culmina em aceitação. Surge então uma forma reinventada de nomear o país de acolhimento através do portunhol: “Braziu” — criação lexical característica da poética de Cristina Gutiérrez.

O uso repetido da conjunção “que” (não preposição) nos versos quarto e quinto gera aliteração, construindo metáforas de um Brasil ambivalente: animal dócil que, paradoxalmente, late, morde e ataca; território que seduz com redes de fascínio, mas também aprisiona.

A dualidade se mantém: de um lado, a mão que acaricia - seja em gesto de carinho ou erotismo -; de outro, a boca que cospe e rejeita. O Brasil é representado como matéria difícil de deglutir, território que do sul ao norte se alarga até tornar-se intransponível na garganta. Nos versos “Al fin puedo decir Braziu / y mirá cómo me atasco”, a transcrição fonética (“Braziu”) e o coloquialismo hispânico (“mirá”) atuam em três dimensões: (1) como transgressão linguística; (2) como expressão de pertença cultural compartilhada; e (3) como convite ao diálogo íntimo com o leitor.

Essa nomeação através do estranhamento provoca questionamentos: O que ocorre quando o estrangeiro pronuncia “Brasil”? Quando habita este território e sua língua? Como observa Ottmar Ette (2018, p. 180), é essencial “prestar atenção ao que as línguas dos estrangeiros fazem com a língua adotada”, pois nessas apropriações — ainda que subversivas — reside potência renovadora. Para o teórico, a articulação estrangeira da língua é ponto de partida para criatividade literária que abre “um novo espaço de movimento transcultural [...] entre mundos, sem morada fixa” (ETTE, 2018, p. 183).

Wallace Rodrigues, nessa mesma vertente, explora a riqueza gerada pelo contato entre português e espanhol na experiência migrante:

A oficialização de uma língua num país não implica sua exclusividade, ao contrário, é tipicamente uma língua imposta em convivência recorrente e diálogos com muitas outras. Assim, o português se modifica cotidianamente em resposta à sua própria herança cultural e em contato com culturas “outras”, incorporando repertórios e padronizações locais. (Rodrigues, 2023, p. 86)

Importa destacar que o portunhol apresenta significativa variação, constituindo-se como língua em processo - *in the making* - em constante transformação. Trata-se de uma língua fronteiriça, marcada por contatos e conflitos linguísticos, cuja configuração depende diretamente dos repertórios linguísticos de seus usuários, sejam escritores ou falantes em contextos orais.

Retomando a dinâmica particular da escrita poética de Cristina Gutiérrez - que desafia categorizações nacionais ou linguísticas fixas -, observamos como a autora mobiliza tanto sua língua materna quanto se apropria criativamente do português. Esse processo contínuo de descoberta e redescoberta semântica subverte significados estabilizados, apresentando ao leitor novas possibilidades interpretativas para conceitos antes tidos como imutáveis.

A partir dessa perspectiva, os poemas analisados configuram-se como exemplares de uma escrita estrangeira que, ao articular experiências migratórias, oferece ao leitor acesso privilegiado a um *saber migratório*. Nessa escritura que transita entre o espanhol e o português, cristaliza-se um portunhol singular, transformando o leitor em cúmplice e testemunha da experiência da alteridade no contexto brasileiro.

Considerações finais

“Que ninguém se engane, só consigo a simplicidade através de muito trabalho”. Clarice Lispector

Este trabalho buscou analisar o portunhol na obra *Braziu* de Cristina Gutiérrez, com enfoque nas estratégias poéticas - e não nas variações linguísticas - que caracterizam seu uso literário dessa língua fronteiriça. Através de uma leitura atenta, identificamos na seleção lexical e nas marcas de interferência linguística a poética singular de uma autora venezuelana migrante que ousa escrever sobre o Brasil. Como ela mesma afirma: «na busca de palavras, expressões, metáforas que me sirvam, lidando com algumas insuficiências» (Gutiérrez, 2023). Seu trabalho constitui um exercício intelectual e poético de questionamento e ressignificação da linguagem, transformando uma experiência individual de translanguismo em narrativa coletiva.

É pertinente aqui evocar Clarice Lispector, outra escritora migrante, cuja obra dialoga com os temas abordados por Gutiérrez. As vivências exploradas nesses poemas ecoam as de diversos grupos: retirantes nordestinos, exilados políticos durante a ditadura militar e os muitos brasileiros que, ao migrarem para Portugal, tornam-se estrangeiros em sua própria língua.

A poesia de Gutiérrez explora profundamente a condição de estrangeiridade no Brasil - país de dimensões continentais onde, paradoxalmente, o excesso de espaço e a diversidade de ambientes podem acentuar o sentimento de deslocamento. Nos poemas analisados, materializa-se o que Ottmar Ette denomina “o fim da monogamia das línguas”, configurando-se como exemplares de uma escrita nômade. Essa escritura, que carrega em suas entrelinhas um *SaberSobreViver* específico, convida o leitor a compartilhar da experiência de habitar entre línguas e culturas, oferecendo acesso privilegiado a um conhecimento migratório singular.

Referências

ALVES-BEZERRA, W. **O portunhol na poesia: territórios e deslocamentos**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2016.

ALVES-BEZERRA, W. Portunhol para além das fronteiras: reflexões sobre a inespecificidade do termo. **Revista Brasileira de Letras**, UFSCar, v. 5, p. 115-121, 2008.

BITTENCOURT, R. Guerra em deriva: Poéticas de fronteira. **Nau Literária**, v. 12, p. 84-98, 2016. DOI: 10.22456/1981-4526.76274. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/320007570_Guerra_em_deriva_Poeticas_de_frenteira. Acesso em: 26 abr. 2024.

CANDIDO, A. **Na sala de aula: cadernos de análise literária**. São Paulo: Ática, 2008.

CIRLOT, J. E. **Diccionario de símbolos**. 6. ed. Barcelona: Labor, 1985. 473 p.

DIEGUES, D. Entrevista: Douglas Diegues. **Digestivo Cultural**, [s.d.]. Disponível em: https://www.digestivocultural.com/entrevistas/entrevista.asp?codigo=28&titulo=Douglas_Diegues. Acesso em: 30 jan. 2024.

ETTE, O. **SaberSobreViver: A (o)missão da filologia**. Curitiba: Ed. UFPR, 2015.

ETTE, O. **Poéticas del presente: perspectivas críticas sobre poesía hispánica contemporánea**. Madrid: Iberoamericana Editorial Vervuert, 2016.

ETTE, O. **EscreverEntreMundos: Literaturas sem morada fixa. SaberSobreViver II**. Curitiba: Ed. UFPR, 2018.

GUTIÉRREZ, C. **Braziu**. Poemas ganadores del PRÊMIO DESMADRES DE ESCRITAS EM PORTUNHOL. Buenos Aires, 16-23 ago. 2023. Disponível em: <https://www.desmadres.org/premio-portunhol-faq>.

GUTIÉRREZ, C. Entrevista por Libby Jones y Jessica Noriega. **Venezuelan Voices**, [s.d.]. Disponível em: <https://venezuelanvoices.exeter.ac.uk/es/interviews/cristina-gutierrez-leal-2/>. Acesso em: 30 jan. 2024.

MONTOYA, J. A. M. **Poéticas aprop(r)riadas**: formas de reescritura y traducción en la obra de Héctor Hernández Montecinos. 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos de Literatura) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/12828>.

PERLONGHER, N. Introdução. In: BUENO, W. **Mar Paraguayo**. São Paulo/Curitiba: Iluminuras/Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, 1992. p. 7-8.

PERLONGHER, N. El portuñol en la poesía. **Tse Tse**, p. 7-8, 2000. Disponível em: https://disciplinas.usp.br/pluginfile.php/171061/mod_resource/content/2/Perlongher%20%28%29.%20El%20portu%C3%B1ol%20en%20poes%C3%ADa%20en%20Tse%20Tse%20%2C%207-8%2C%202000pdf.pdf. Acesso em: 30 jan. 2024.

RODRIGUES, W. A poesia de Herzer num exercício de decolonização dos corpos. **Revista EntreLetras**, Araguaína, v. 12, n. 3, p. 319-332, 2022. DOI: 10.20873/uft2179-3948.2021v12n3p319-332. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreltras/article/view/13208>. Acesso em: 30 jan. 2024.

RODRIGUES, W. Notas sobre as relações entre a língua portuguesa no Brasil e o tupi em tempos de tecnologia digital. **Littera: Revista de Estudos Linguísticos e Literários**, v. 14, n. 28, p. 84-96, 2023. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/view/22416>. Acesso em: 26 abr. 2024.

TERRÓN, J. R. **Transportuñol Borracho**. Ponta Porã, MS: Yiyi Jambo, 2008.

ZILBERMAN, R. **Teoria da Literatura I**. 2. ed. rev. Curitiba: IESDE Brasil, 2012.

Recebido em: 22 de outubro de 2024

Aceito em: 15 de dezembro de 2024